

OS FATORES DE TEXTUALIDADE SEGUNDO A LINGUÍSTICA TEXTUAL

Maria das Graças de Oliveria Pereira ¹

RESUMO

Este trabalho, faz parte do campo de estudos da Linguística Textual, tendo como objeto de estudo o texto. Nesse sentido, termos textos coerentes é importante para a construção de sentidos e os fatores de coerência corroboram para a compreensão do texto. Desse modo, como objetivo desse estudo foi destacar a importância dos fatores de textualidade em específico da coerência na construção e compreensão dos textos. A respeito do embasamento teórico, nos asseguramos em Koch (1993), Travaglia e Koch (2008), Marcucchi (1983), entre outros. Quanto aos elementos basilares considerados para esse trabalho foram: os aspectos linguísticos, discursivos, cognitivos e interacionais, com o intuito de constatar que o sentido de um texto é formulado a partir do contato de vários determinantes que vão além de uma simples estruturação sintática. No que diz respeito aos aspectos metodológicos da pesquisa, temos um estudo bibliográfico de cunho qualitativo na qual procuramos destacar os fatores textuais que corroboram para a compreensão dos textos. Como resultados deste estudo, chegamos à conclusão de que os textos não podem ser considerados uma amontoado de elementos soltos ou fragmentados sem sentido, mas sim uma unidade sintática de sentidos que são relevantes para o estudo do texto e para uma boa comunicação linguística.

Palavras-chave: Fatores de textualidade; Linguística Textual; Sentidos; Textos; Coerência.

INTRODUÇÃO

A Linguística Textual - LT procura pesquisar dentre as suas perspectivas de estudo elementos importantes para entendermos o texto, sua construção e também suas possibilidades de ter o texto como elemento de estudo a partir dos fatores textuais, esses que serão explorados um pouco neste estudo de forma teórica.

Podemos, portanto, refletirmos que os fatores de textualidade são diversos e são relevantes para se entender melhor o contexto e sentido dos textos a partir de construções textuais mais elaboradas. Para isso, temos: coerência, coesão, conhecimentos de mundo, conhecimentos compartilhados, inferência, fatos de contextualização, situacionalidade, informatividade, focalização, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade e consistência. Todos os elementos possibilitam o melhor entendimento e harmonia do texto e sua construção.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL; Bolsista CAPES; Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino - PPGE; Graduada em Letras - Língua Espanhola - UERN; Graduada em Geografia e Pedagogia - UFRN, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5720-8783>, mariaoliver788@gmail.com

Assim, vale salientar que este estudo terá como objetivo destacar a importância dos fatores de textualidade em específico da coerência na construção e compreensão dos textos.

Como base teórica, temos Koch (1993), Travaglia e Koch (2008), Marcucchi (1983), entre outros. E a respeito dos aspectos metodológicos da pesquisa, se estrutura em um estudo bibliográfico de cunho qualitativo na qual procuramos destacar os fatores textuais que corroboram para a compreensão dos textos. Para isso, esse trabalho está organizado em: introdução, referencial teórico resultados e discussões, considerações finais e referências.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esse referencial teórico apresenta uma discussão ampla e ao mesmo tempo suscinta a respeito dos fatores da textualidade para que possamos entender o quanto o texto, requer um cuidado atento para termos o seu sentido preservado.

COERÊNCIA E COESÃO

A coerência textual é um elemento fundamental na produção textual. Podemos dizer que ela é formada por um conjunto de recursos (de vocabulário ou linguísticos) utilizados no momento em que se vai escrever um texto ou passar uma mensagem (que pode ser de forma oral ou escrita) com o intuito de que o leitor, ou a pessoa com quem se está dialogando, compreenda de que está se falando. Sendo assim, a coerência é responsável pela clareza e efetividade da comunicação entre o autor e o leitor.

Ao discutir coerência, Lima (2017, p. 54), apresenta que:

A coerência é compreendida como o resultado de uma atividade de processamento cognitivo. Portanto, diferentemente do que muitas pessoas acreditam, a coerência não pode ser apontada em um local específico do texto, ela é da ordem do “processo” de construção do sentido e perpassa todo o texto. A coerência é concebida na relação comunicacional estabelecida pelos sujeitos, ela é um processo tanto da interação social quanto dos domínios cognitivos e linguísticos, o que nos leva a falar em “estudos sociocognitivos”.

Desse modo, percebemos que, a coerência não pode ser considerada de forma isolada, para dizermos que um texto é coerente precisamos avaliar o contexto, ou seja,

dependendo da circunstancia, determinada organização de ideias pode ou não fazer sentido.

Segundo Koch (1993), os elementos linguísticos do texto possuem a função de servir como pistas para ativarem os conhecimentos que estão contidos na memória, constituindo pontos de partida para a construção de inferências, que, por sua vez são capazes de captar a argumentação dos enunciados que fazem parte do texto, implicando a efetivação da coerência textual.

Já a coesão é responsável pela harmonia das partes do texto com fim de promover uma rede de sentidos que exista conexão entre as partes, por exemplo, se estamos tratando um texto com frases isoladas sem os elementos que são responsáveis pela ligação entre um texto e outro, estaremos cometendo erros quanto aos elementos basilares da textualidade entre eles, a coesão. Sendo assim, a coesão permite que um texto seja organizado em uma cadeia lógica de ideias e que essas ideias sejam o caminho para a estruturação dos textos. Logo, um texto com coesão é aquele que apresenta os artigos, preposições ou outros elementos gramaticais de acordo com os padrões linguísticos e estruturais do texto.

CONHECIMENTO DE MUNDO

Um texto é uma construção de enunciados que são organizados considerando os elementos de mundo, uma vez que, quem constrói os textos são pessoas que vivem em contextos sociais e perante essa vivência constrói seus textos baseados nessas construções. Com base na perspectiva de que não é possível assimilar o sentido de um texto analisando apenas as palavras que o compõe, coloca-se em questão a necessidade da presença de outros elementos que sirvam como estímulo para a ativação dos conhecimentos que estão armazenados na memória de um indivíduo. Cita-se como um desses elementos o conhecimento de mundo, ao qual o leitor adquire ao longo da sua formação cognitiva.

Podemos ilustrar esse conhecimento de mundo, mediante a seguinte situação hipotética. É fato que esse conhecimento de mundo se efetiva como fator determinante para o estabelecimento da coerência textual, uma vez que não se pode compreender aquilo que não se conhece. Podemos tomar como exemplo a situação em que uma aluna do ensino regular, matriculada no 5º ano do ensino fundamental, é posta em uma sala de aula de uma universidade, onde são desenvolvidas algumas noções referentes à física quântica.

A partir desse pressuposto, pode-se constatar que a compreensão dos sentidos dos textos que foram desenvolvidos naquele ambiente não foi apreendida pela referida aluna, haja vista o fato de esta não ter o conhecimento de mundo prévio exigido para a situação em questão.

Logo, observa-se que esse conhecimento é adquirido à proporção que se estabelece relações com o mundo e se experimenta uma série de acontecimentos que proporcionam a esse indivíduo social o repertório necessário para a compreensão de diversos tipos de texto. É esse mesmo conhecimento de mundo que permite o indivíduo detectar, além dos sentidos dos textos, as incoerências que existem neles.

Para tanto, analisa-se, em um primeiro momento, os fatores de cunho cognitivo, que partem dos mais simples aos mais complexos. Koch (1993) aponta como fator cognitivo primordial o conhecimento de mundo que cada indivíduo adquire ao longo da sua vida. Segundo Koch e Elias (2006), a atividade de leitura e produção de sentido são orientados pela bagagem sociocognitiva – conhecimento da língua e das coisas do mundo – e, para tanto, o leitor mobiliza duas grandes áreas do conhecimento, o conhecimento de mundo e conhecimento compartilhado.

CONHECIMENTO COMPARTILHADO

Após entendermos que existe o conhecimento de mundo, é pertinente refletirmos que existe o conhecimento partilhado. O conhecimento compartilhado estabelece relações entre os sujeitos. Essa relação, desde o início, deve ser equilibrada, uma vez que, a coerência de um texto depende desse equilíbrio. Os indivíduos sociais armazenam informações na memória a partir de interações e experiências pessoais. Koch (1993) afirma que é possível duas pessoas partilharem exatamente o mesmo conhecimento de mundo. Nesse contexto, é essencial que, em determinado diálogo, um produtor e um receptor de dada mensagem possuam uma boa parcela de conhecimentos em comum.

Toma-se como exemplo o diálogo entre um estudante de Medicina, que tem conhecimento dos termos referentes à linguagem técnica de seu curso, e um estudante de Direito, que, por sua vez, não possui o conhecimento equivalente acerca da área médica como o primeiro indivíduo. Logo, ao tratarem de um assunto relacionado à área da saúde, algumas lacunas de sentido podem surgir na compreensão dos sentidos do texto para o aluno de Direito. A partir disso, resgata-se a ideia inicial de que, mesmo em um simples

diálogo, um texto só se faz coerente se houver um equilíbrio entre os conhecimentos dos interlocutores envolvidos em um evento comunicativo.

INFERÊNCIA

A linguagem, dada a sua complexidade, pode ser investigada sob múltiplas perspectivas. É possível projetá-la pelo menos em três grandes dimensões humanas que caracterizam três direções científicas fundamentais: conhecer, pensar e comunicar, possíveis roteiros das ciências naturais, formais e sociais, respectivamente. A inferência, dentro desse contexto, pode ser modelada como uma propriedade a ser identificada em qualquer uma das direções acima. Inferir, nesse sentido, teria um papel garantido no processo do conhecimento, do raciocínio e da comunicação. Sob tal ótica, a inferência caracteriza-se como uma espécie de objeto inter/intradisciplinar por definição.

Praticamente todos os textos com os quais os indivíduos sociais têm contato exigem que estes infiram determinadas informações para que compreendam os seus sentidos de forma integral. Logo, partindo dessa ideia, constata-se que os textos escritos e falados, se não valessem da inferência, seriam excessivamente longos e cansativos, uma vez que todos esses implícitos, que são identificados a partir dessa operação, deveriam estar explícitos nos textos, marcados graficamente ou não, no caso dos textos orais.

São diversos os tipos de inferência que fazem com que um texto seja coerente, e cabe ao leitor/receptor a capacidade de identificar os níveis de implícitos, caso deseje alcançar uma compreensão mais ampla do texto que ouve ou ler. Tem-se, abaixo, um exemplo de inferência que contribui para a fundamentação da coerência de uma mensagem.

“Até Ana acordou cedo hoje.”

As inferências encontradas no exemplo citado são:

- Ana não costuma acordar cedo.
- O dia de “hoje” foge do habitual.
- Outras pessoas também acordaram cedo “hoje”.
- Dentro de um contexto, a mensagem pode ser tomada como uma crítica a um determinado comportamento.

Observemos que a quantidade de inferências feitas a partir de uma única frase demonstra que um texto pode ser comparado, com base em uma analogia bem simples, a

iceberg, que se revela inicialmente como algo pequeno e superficial, mas, na verdade, é profundo e complexo.

Vale ressaltar o fato de que, quanto maior o grau de intimidade entre o emissor e o receptor de determinado texto, faz-se menor o índice de elementos e informações explícitos no texto. Isso é muito comum em diálogos desenvolvidos entre parentes e amigos que possuem conhecimentos e interesses em comum.

FATORES DE CONTEXTUALIZAÇÃO

Os fatores de contextualização, assim como os demais fatores já apresentados, contribuem de forma significativa para que se fundamente a coerência de um texto, uma vez que estes firmam um texto em determinado contexto, que podem partir dos mais diversos tipos, como histórico, social, cultural, regional, entre outros.

Dividem-se em dois grupos, segundo Marcuschi (1983), os contextualizadores, de forma geral, que são aqueles propriamente ditos, e os perspectivos ou prospectivos. O primeiro grupo desses contextualizadores contribui para que o texto seja situado, estabelecendo, assim, a coerência, são eles a data, o local, a assinatura e os demais elementos gráficos. Essa premissa permite deduzir que, na ausência desses elementos contextualizadores, a mensagem a ser passada por meio de determinado texto torna-se de difícil decodificação.

Já os fatores, chamados por Marcuschi (1983) de perspectivos, são aqueles que, de certa forma, antecipam o conteúdo da mensagem que será veiculado em um texto. Assim, pode-se tomar como exemplo as manchetes de notícias e reportagens que sugerem certa noção acerca daquilo que será discutido no corpo textual. Dessa forma, Marcuschi (1983) indica o título de um texto, a marcação gráfica de seu autor e a introdução de determinados textos como contextualizadores pertencentes à classe dos perspectivos.

SITUCIONALIDADE

A situacionalidade tem a função de inserir e adequar determinado texto a uma situação, ao contexto. Travaglia e Koch (2008) afirmam que uma situação define e, de certa forma, conduz o sentido de um discurso. Uma característica da situacionalidade é que o texto vai ser diretamente interferido na situação. Da mesma forma, este terá reflexo sobre toda a situação, pois o texto não é um reflexo do mundo real.

A situacionalidade pode ser considerada em duas direções, a primeira parte da situação para o texto, quando há uma referência a um conjunto de elementos que fazem com que o texto seja importante para determinada situação comunicativa. Pode-se dizer nesse ponto que o texto se adapta ao contexto no qual se insere. Logo, há uma preocupação, por parte do emissor, em relação a aspectos como grau de formalidade, variedade linguística e o tratamento a ser dado ao tema.

A segunda direção parte do texto para a situação, assim, obtém-se o contrário do que é percebido na primeira direção, ou seja, um mundo textual não é idêntico ao mundo real. Portanto, o interlocutor interpretará o texto, nessa perspectiva, de acordo com os seus propósitos, por isso, há uma relação inerente entre um mundo que se configura como real e aquele concebido como intertextual.

INFORMATIVIDADE

A informatividade apresenta-se como outro fator que interfere de forma direta na fundamentação da coerência textual. Diz respeito à medida na qual as ocorrências informativas de um texto são esperadas ou não. Logo, como afirmado por Travaglia e Koch (2008), o texto será tanto menos informativo quanto maior for a previsibilidade de suas informações. A premissa contrária pode ser apontada como verdadeira, uma vez que, quanto menor a previsibilidade das informações, maior a informatividade dos textos.

Esse fator é tomado como positivo quando se analisa textos híbridos como tirinhas e charges, que constroem sua mensagem baseados em uma quebra de expectativa. Dessa forma, o leitor é surpreendido e há uma ruptura da previsibilidade das informações que, de antemão, eram esperadas pelo leitor do texto.

FOCALIZAÇÃO

A focalização apresenta uma relação direta com os fatores de conhecimento de mundo e conhecimento compartilhado, citados nas seções anteriores. As divergências de focalização podem causar problemas de compreensão (coerência textual). Esse fator não só torna a comunicação mais eficiente como, na verdade, a torna efetiva. São diversos os elementos contextuais que podem gerar focalização, são eles os títulos dos textos, por selecionarem área do conhecimento de mundo, os parágrafos introdutórios, haja vista o fato de anteciparem o que será desenvolvido ao longo do texto (aqui, toma-se como base os textos argumentativos, que se apresentam, na maioria das vezes, dessa forma.)

Os textos híbridos ou mistos, por sua vez, apresentam aspectos que contribuem para que se efetive a focalização. A diagramação da página e o próprio título da história, de certa forma, preparam o interlocutor para compreender o conteúdo que será exposto no texto. Dessa forma, antes mesmo de iniciar a leitura, o receptor da mensagem já tem, por meio da focalização, o conhecimento prévio acerca do que se trata o tema que será desenvolvido, seja humor, crítica ou reflexão.

INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade faz referência aos diversos modos, por meio dos quais a construção e a recepção de um determinado texto dependem do conhecimento, por parte do leitor, de outros textos. Vários textos, escritos ou falados, estabelecem também sentido quando são colocados em contato com outros textos, que desempenham, de certa forma, a função de contexto, isto é, a intertextualidade só será percebida quando há um conhecimento considerável por parte dos interlocutores a respeito dessas informações extra textuais.

Val (1999) afirma que o mais constante interlocutor dos diversos tipos de textos existentes em sociedade, pontuado consciente ou inconscientemente, é o discurso que provém do senso comum. Então, para a referida autora, analisar a intertextualidade é nada mais que analisar essa fala, que se apresenta de forma subliminar, nos mais diversos tipos de textos que circulam na sociedade.

Em outra perspectiva, pode-se falar, segundo Bakhtin (1997), que a intertextualidade está diretamente ligada ao conhecimento de mundo, uma vez que a que ele prega que este é essencial para a efetivação da intertextualidade, haja vista o fato de que é colocada em pauta nos seus estudos a noção de a intertextualidade estar presente no leitor. Numa situação em que um espectador assiste à um filme que se configura como paródia de outro, por parte do leitor, segundo Bakhtin (1997), não será efetivada a intertextualidade, uma vez que este não consegue estabelecer a devida referência, pois não conhece o texto citado.

Segundo Verón (1980), um texto não tem propriedade em si, logo, caracteriza-se por meio daquilo que o institui diferente de outros textos, trabalha-se, então, sempre sobre vários textos, seja de forma consciente ou não. Essas operações, nesse caso, são intertextuais.

A INTENCIONALIDADE E ACEITABILIDADE

Sabemos que todos os textos se configuram como uma forma de interação verbal e é por meio deles que se dá a relação entre autor e leitor. Quando um texto é construído, o autor assume a função de entrar no processo chamado de enunciação, no qual a que ele coloca todo o seu conhecimento adquirido ao longo da sua formação cognitiva.

Assim, o emissor de uma mensagem a constrói a fim de que o leitor desenvolva a função de captação das suas reais intenções. Logo, pode-se perceber o texto como uma ferramenta de comunicação, que tem como principal objetivo a divulgação e transmissão das ideias desenvolvidas por seu autor em um contexto específico. Então, a partir desses pressupostos, fundamentam-se os fatores de coerência chamados de intencionalidade, que está ligado ao autor, e a aceitabilidade, que faz referência direta ao leitor.

Esses fatores convergem, principalmente, no ato da leitura, uma vez que é nela que se interpreta e se compreende o que o autor quer transmitir e de que forma. O leitor, por sua vez, de forma instantânea, busca em sua memória tudo aquilo que pode fazer referência ao que foi elaborado pelo autor do texto, o que abre margem para salientar o fato de esses dois fatores estarem ligados também a outros já desenvolvidos neste artigo, o conhecimento de mundo e conhecimento compartilhado.

Para que possa ocorrer a aceitabilidade e intencionalidade, respectivamente, o leitor tem como função desenvolver um conhecimento básico sobre o que o autor trata no texto, por meio de seu conhecimento linguístico, enciclopédicos, interacionais, de mundo e compartilhados.

CONSISTÊNCIA E RELEVÂNCIA

Dois outros requisitos tidos como básicos para a efetivação de um texto como coerente, segundo Giora (1985), são a consistência e a relevância.

A autora Lima (2017, p.69º) diz que:

Para que um texto seja entendido como coerente, é preciso que haja a consistência. Isso quer dizer que cada enunciado de um determinado texto precisa parecer verdadeiro dentro do universo discursivo em que ele existe. Em outras palavras, dizemos que os enunciados não podem parecer falsos no mundo criado no texto.

A consistência exige que todos os enunciados desenvolvidos em um texto não estabeleçam relações contraditórias, pois, dentro do mundo representado no texto, essas relações devem ser percebidas, por quem ler, como lógicas.

A autora ainda argumenta que:

A coerência de um texto depende também que todo o texto seja, considerando seu conjunto de enunciados, relevante e interpretável. Trata-se de um tipo de relevância pragmática, que tem como objetivo garantir que o enunciado tenha relevância suficiente para o texto em que está inserido (Lima 2017, p. 70).

A relevância, exige que os enunciados, dos mais simples aos mais complexos, sejam passíveis de interpretação, como falando sobre uma mesma temática. Não esquecendo de perceber que a coerência torna os textos com sentidos, permitindo-nos ter uma visão clara sobre eles.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com respeito as discussões feitas ao longo desse estudo, consideramos a LT como a área de estudo que se preocupa com as questões referente a produção de textos, a exemplo os fatores textuais.

Assim, vale destacar que os fatores da textualidade se relacionam de forma direta para que um fator não seja superior a outro, mas todos constituam sua importância. Entretanto, com base no que aqui discutimos, chegamos a conclusão que a coerência é o fator mais relevante, tendo em vista a importância dos sentidos dos textos para o ato comunicativo.

A comunicação é algo que não pode esta alicerçada em dualidade de sentidos, por isso, a coerência aliada aos demais fatores da textualidade, busca evitar tal fato proporcionando uma construção de sentidos clara e objetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi discutido nesse artigo, os fatores da textualidade são relevantes para a compreensão textual, destacamos a coerência apenas como um traço ou uma propriedade simples do texto em si, mas como a possibilidade de esta organizada a partir da interação entre os diversos eventos comunicativos (textos) e os seus usuários, numa situação comunicativa que foge da abstração, ou seja, a compreensão textual se efetiva em uma situação comunicativa ampla e concreta, decorrente de todos os fatores aqui examinados. Ela é o fator que consideramos mais importante entre os demais, não que os

demais não sejam importantes, são, entretanto, a coerência é a responsável pela rede de sentidos que tornam um texto possível de transmitir uma comunicação consistente.

Esse fato é segundo o nosso estudo, o mais relevante e consideramos que os textos devem sempre se preocupar com ele, e com os demais fatores de textualidade, entendendo que texto sem sentido prejudica a comunicação humana.

Dessa forma, constatamos que é de suma importância a convergência dos fatores de coerências elencados neste artigo a fim de que se tenha como produto um texto cujos sentidos estabelecem uma relação lógica com a realidade, efetivando, assim, a coerência textual.

Ao finalizarmos o artigo é possível identificar que a estruturação de um texto em todos os seus aspectos é de uma fundamental importância tanto para a compreensão do leitor como para a interpretação do autor que deseja transmitir sua linha de raciocínio.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

GIORA, Rachel. **Poetics Today**, Vol. 6, No. 4. 1985, p. 699-715.

KOCH, Ingedore G. Villaça, TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e Coerência**. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 1993.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

A coerência textual. Ingedore Villaça Koch, Luiz Carlos Travaglia. 17ª edição. 2ª impressão. São Paulo: contexto, 2008.

MARCUSCHI, L. A. (1983) **Linguística de Texto: o que é e como se faz**. Recife:UFPE.

VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e Textualidade**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

LIMA, Leticia Morais. **Linguística Textual**. Londrina Editora: Educacional S.A., 2017.